

O VOTO É OBRIGATÓRIO, MAS PODE SER AUTOGESTIONÁRIO*

A Revista Enfrentamento lança este número dedicado exclusivamente ao processo eleitoral, mostrando a farsa da democracia representativa burguesa, o que pode ser feito e o que propomos. O voto, num regime autoritário e com baixa legitimação, é *obrigatório*, e quem não vota pode ser penalizado e punido. O caráter obrigatório do voto é a denúncia mais direta e cabal de uma sociedade repressiva e de um estado ilegítimo, que precisa constranger os indivíduos a um ato que, segundo as ideologias conservadoras e dominantes, seria um direito, uma necessidade, um benefício. A obrigatoriedade mostra que o voto é uma farsa, e junto com ele, a democracia representativa, o estado capitalista, a sociedade burguesa como um todo. Para não ser penalizado, então os indivíduos devem ir votar. Porém, deve mostrar que possui consciência da manipulação e da farsa que é o processo eleitoral. E a única forma de fazer isso é votando nulo. Por isso, o voto nulo é a única opção, no processo eleitoral, para protestar, deslegitimar, desmistificar a farsa eleitoral.

Porém, não basta votar nulo e não basta apresentar esta proposta. É preciso, para que surta efeito, politizar a discussão do voto nulo, mostrar o processo de legitimação que o processo eleitoral realiza, as ilusões que provoca, os interesses reais e falsos que apresenta, sua relação com a reprodução da sociedade capitalista, etc.

Além disso, não basta a recusa, o votar nulo, é preciso um projeto alternativo de sociedade e de prática que aponte para a realização desse projeto. Sem dúvida, no período eleitoral, o voto nulo faz parte desse processo, desde que seja politizado e articulado com outros elementos. A proposta da autogestão social não é um “sonho impossível” e sim um projeto concreto, histórico. Sua possibilidade histórica de realização existe nos milhões de indivíduos que morrem de fome, desempregados, trabalhadores explorados, pessoas que conseguiram perceber o amplo processo de destruição humana, ambiental, etc., existente. É um projeto que se realizou parcialmente e temporariamente em várias experiências históricas, desde a Comuna de Paris de 1871, passando pelas tentativas de revolução em todo o século 20, e pelas

* Editorial da Revista Enfrentamento – n° 08, Jan./Jul. 2010.

lutas sociais na Argentina e México nos anos recentes. O proletariado é a expressão e força viva de todo esse processo e junto com outras classes exploradas, grupos oprimidos, indivíduos descontentes, são a encarnação do projeto autogestionário. Não queremos mais casas, comida, indústria, alfabetização, sistema de saúde, sistema educacional, queremos uma vida radicalmente diferente, queremos abolir as instituições e relações sociais repressivas e coercitivas, a mercantilização da saúde, educação, alimentação, etc. Queremos abolir o que gera tudo isto para não ter que lutar contra os efeitos e sim contra as causas.

Queremos ter controle sobre nossa própria vida e isso nenhum partido ou candidato propõe ou pode realizar. E assim o projeto autogestionário, que ganha cada vez mais adeptos, reforça esta luta e essa possibilidade. Ninguém vai doar a autogestão para os outros, ela só pode ser conquistada na autogestão da própria luta. Somente a população assumindo suas lutas e criando suas formas de auto-organização, poderá garantir a concretização deste projeto. O Movaut é apenas mais uma das forças que contribuem com a luta pela concretização deste projeto. As relações sociais em que vivemos são produzidas por nós mesmos e por isso nós podemos mudá-las. Esse processo seria fácil se não houvessem os loucos que comandam o mundo, os grandes capitalistas e grandes burocracias governamentais, e seus aliados, absorvidos pelas medíocres ambições da sociedade capitalista, que provocam a miséria e fome de milhões, a destruição psíquica inclusive deles mesmos (geração Prozac), a destruição ambiental que pode se tornar irreversível, a exploração cotidiana dos trabalhadores, a repressão e coerção das instituições burocráticas, o bloqueio do desenvolvimento das capacidades intelectuais. Figuras tristes, medíocres, enlouquecidas, mas com um poder real em suas mãos e que só podem ser derrubados com a união, associação, dos trabalhadores e outros setores que são os mais atingidos e interessados na revolução proletária, na constituição de uma sociedade radicalmente diferente. O voto nulo é apenas um passo que, ao lado de outros, nos colocarão no caminho da autogestão social.